

O PAIZ

Director — ALVES DE SOUZA, Gerente — Romeu Ribeiro, TELEPHONES Directoria — C. 605. Administração (gerente) — C. 607. Redacção — C. 604 e Official. Escripção — C. 608. Officinas — C. 609.

A representação do PAIZ em São Paulo acha-se a cargo do Sr. Oswaldo Costa, director da sucursal instalada à rua João Brícola n. 12, 1º andar, sala 27.

Declaramos que o Sr. Elias Benjamin do Couto deixou de ser o nosso representante na cidade do Rio Grande (Rio Grande do Sul) e convidamos o mesmo senhor a regularizar as suas contas com a gerência deste jornal.

Toda correspondência referente a anúncios, publicações remuneradas, reclamações, assignaturas, etc. deve ser dirigida ao gerente do PAIZ, Dr. Romeu Ribeiro.

O ESPECTADOR DESLUMBRADO

"Domingo, Copacabana. Posto Quatro. Hora do sorvete."

Não é um telegrama, é uma simples indicação. A hora do sorvete foi uma feliz lembrança — feliz e generosa — do Praia Club. O Praia Club, como o nome justifica, é uma associação que vive na praia, acampada nas suas barracas, como os guerreiros antigos.

É pitoresco e é amavel. Ali se joga, se faz atletismo, se faz sport, dança-se, ouve-se musica, conversa-se, bebe-se sob o esplendor da luz diffusa e a carícia da aragem do mar.

O Praia Club organiza festas, e uma dellas foi a hora do sorvete. Por entre o abraçamento estendiam-se filas de mesinhas. Dois balcões improvisados. Um tablado para exhibições. E a festa começou.

Um exame de moças se agitava, trazendo sorvetes, levando sorvetes, servindo sorvetes. E tinham cor local, porque vestiam a cor das algas. E como eram bellas e radiosas, e suas vozes alegres vibravam como musica nova na atmosfera limpida, podiam parecer pequenas serenas saídas do mar para vender sorvetes na praia...

Mas, no meio dessa vibração de cor e de sons, sentia-se vibrar mais fundamentalmente a idea central, a generosa idea de fazer caridade. Todo o produto da hora do sorvete se destinava a uma outra festa, mais bella ainda: a festa de Natal para as crianças pobres.

E, enquanto, já no crepusculo, a festa continuava, através das alamedas, onde quatro linhas de automoveis se moviam fofonando, pedindo passagem ao transito difficil, para surprehender uma criatura que, do outro lado, encostada a um muro alto sobre que se elevavam um janeloneiro trepalcante, aliás já se mostrava bastante surpresa.

Typo estranho naquelle ambiente festivo, nem por isso era triste. Debaixo de um chapéu de palha, cujas abas franjadas pelo tempo eram como o beiral de uma velha cabana, viam-se-lhe os olhos lindos de nem sei que sentimento. Curiosidade? Fantasia? Certo uma dessas fantasias que parecem ter sido geradas na imaginação literaria dos escriptores, mas são apenas a vida maravilhosa do cerebro das crianças.

Estava absorto, vendo todo aquelle esplendor movel como quem quer fixar um momento e não sabe qual seja o culminante.

Uma camizeta sem botões deixava-lhe exposto a brisa marinha o peito moreno. As pernas rijas vestiam um calção incolor, arriado mais de um lado e preso ao hombro por um cordel, à guisa de suspensorio. Um joelho encurvado, para que o pé, tão sujo como o proprio chão, se apoiasse no muro. Sobraccava uma caixa de papelão, onde se viam cartuchos de amendoim.

Continuava absorto, quando me aproximxi.

La para falar-lhe, mas que quiz interromper o espectaculo interior que lhe fulgurava nos olhos. Esperei. Foi elle proprio quem despertou do seu deslumbramento e, vindo-me parado tão proximo, gritou-me, instintivamente:

— Torradinho!

Estendeu-me dois cartuchinhos. Estendi-lhe um nickell e recusei.

— Obrigado.

E recuei no encantamento em que estava, acompanhando o riso alto da elegante multidão, o rumor surdo dos motores, as bandeiras tremendo nos mastros, a polychromia dos vestuarios, a voz do mar, a cor indecisa das aguas absorvida pelo crepusculo, com o olhar inquieto em que transparecia um immenso contentamento...

Fil-o descer, de um lance, a escada de ouro:

— Está gostando?

Olhou-me com magna, naturalmente porque preferia não ter descido à realidade. Repeti a pergunta. Mas, o garoto tão pequenino que era preciso erguer muito a cabeça para ver-me, parecia não entender.

— Gostando da festa?

— Festa? É? Uma festa?

— Sim, uma festa. É a hora do sorvete. As moças estão vendendo sorvetes.

— Já tomei sorvete.

— E que tal?

— Dão. Mas, a minha mãe disse que eu não gaste na rua...

— Vou pagar-te um sorvete. Queres? Um largo sorriso espalhou-se-lhe pela physionomia. Estregou as mãos, contente.

— Gostava.

Fui buscar um sorvete. E, tomando-o com certa graça, o pequeno soprava-o, e voltava-se para um e outro lado, como quem procura livrar-se da frialdade.

Só então vi que os fundinhos do seu calção tinham uma grande janela irregular, por onde haveria de refrescar-se, quizesse ou não...

Terminado, sobraçou de novo a sua caixa de amendoim, levou a mão ás franjas do seu talleto, isto é, do seu chapéu de palha, e repeliu:

— Obrigado.

La para retirar-se, mas detive-o:

— Espere. Você sabe por que estão fazendo esta festa?

— Brincadeira, não é?

— Não. Não é por brincadeira. Esta festa é para ganhar dinheiro e, com esse dinheiro, fazer uma outra festa, uma linda festa de Natal para vocês.

— Fitava-me, perplexo.

Depois de um silencio, replicou:

— Para nós? Por que?

— Você não é pobre? Sua mãe não é pobre? Pois estas moças que estão aqui vendendo sorvetes vão armar uma bella arvore de Natal, e Papai Noel vai chegar num carro — tudo só para as crianças pobres.

Novamente o pequeno caíra na perplexidade. Como que a expectativa das festas de Natal não produziam efeito algum no seu espirito.

— Então, não fica contente com isso? Não gostará do Natal, assim, em que será contemplado por Papai Noel — Papai Noel, que te vai dar uma porção de coisas?

Fitou-me de novo, muito serio, e respondeu, com uma grande expressão de pesar e de embaraço:

— Não sei, não sei. Não sei o que é o Natal... nem esse... esse que o senhor disse.

Não soube o que lhe dizer mais, e elle partiu ligeiro, gritando a sua mercadoria, atento a tudo que se passava em derredor — e com os fundinhos rotos...

JARBAS DE CARVALHO.

A FARÇA DA AMNISTIA

A imprensa associada aos cabecilhas dos movimentos subversivos dos últimos annos divulgou uma carta do general Isidoro Lopes ao deputado Assis Brasil informando-o da resolução de passar a "dircção activa da revolução" ao capitão Prestes, refugiado na Bolívia.

O caso determinou geral surpresa. Mas, então, os cabecilhas da rebeldia não a consideram terminada? Em manifestações anteriores não haviam declarado abster-se de proseguir no caminho do crime, de que se fizeram heróes, contra as instituições e os mais graves interesses de sua Patria? Não era precisamente por se dizerem libertos da obediência revolucionaria que reclamavam a amnistia?

A carta do Sr. Isidoro vem projectar sobre o caso uma claridade preciosa. Não. Os rebeldes vencidos nunca desarmaram. Nunca sinceramente quiseram dar por encerrada a triste historia dos seus attentados ao prestigio e progresso do Brasil, à união e concordia dos brasileiros.

Jugulados pela legalidade, forçados uns a fugir para o estrangeiro, entregues outros à alçada judicial, a derrota e a perspectiva do castigo não fizeram senão afervorar no seu animo a idea desvaireada de persistir na empresa funesta.

O Sr. Isidoro, que mezes antes se dizia traído e disposto a não mais se envolver em machorcas, desmascara-se agora passando o "comando" ao Sr. Carlos Prestes, não porque esteja convertido a melhores sentimentos, mas porque os annos não lhe permittem aquillo de que reputa capaz a mocidade de seu logar-tenente.

E esses homens durante tanto tempo ludibriaram a Nação, affectando submissão e humildade para se apanharem amnistiados! Como andaram inspirados no melhor patriotismo os que não concordaram com a amnistia! Que irrisão, que erro e que desastre não seria essa medida, assim liberalizada a falsos conversos, a rebeldes que continuavam rebeldes, a homens que fatalmente se prevaleceriam da generosidade da lei para, no primeiro ensejo favoravel, tornarem a luta fratricida!

Amnistia em condições taes equivaleria a traição à Republica e ao Brasil. Felizmente, elles proprios se encarregam de revelar à opinião publica a extensão da sua insinceridade e da sua hyprocrisia. Elles proprios mostram que nunca, de verdade, quiseram ser amnistiados e que só louvares merece a prudencia do Congresso em não precipitar uma medida que, nas actuaes circumstan-

cias, seria um perigo para o paiz.

A carta do general Isidoro é, sob esse ponto, um documento inestimavel. Não sómente confunde os progeiros da necessidade da amnistia, convencendo-os, talvez, de que estavam illudidos pelos seus committentes, como mata de vez a campanha amnistiativa.

Se não dispõem de armas materiaes, os revoltosos continuam, contudo, com o espirito armado para novas aventuras subversivas. Não importa que os possa conter, em qualquer tempo, a resistencia da Nação. O que importa é que elles se mantenham no proposito de offendê-la, agravando-a, ferindo-a, em proseguintes dos horrores que culminaram nas suas tristissimas façanhas.

Não ha mais logar para illusão. E era na illusão que se baseava o pedido de amnistia. Ninguém mais, embora por incuravel sentimentalismo achar-se-ha no direito de reclamar um acto que seria, para o espirito de ordem e para o principio legal que condicionam a força moral da nossa soberania no mundo, um authentico suicidio.

Da missiva, que acreditamos sincera, do Sr. Isidoro, a infidencia a tirar é, tão sómente, um apello à continuidade da agitação facciosa, que tanto nos tem desmoralizado e arruinado. Consequentemente, diante de uma prova tão positiva de desprezo pela causa da Nação, a lei não pôde deixar de ser applicada conforme o que requerem, exigem, impoem as circumstancias.

Já agora, os rebeldes são francos e não enganam. Seria absurdo que os poderes publicos fizessem por elles o que elles claramente, ostensivamente dispensam.

Os rabiscadores do Jornal do Commercio vêm-se agora numa contingencia curiosa. Ainda hontem renovaram protestos pela amnistia — que só pleiteiam, aliás, de novembro de 1926 para cá, depois de quatro severos annos de combate à medida.

Vamos ver como o velho orgão ex-conservador se pronuncia sobre a carta do Sr. Isidoro...

Preso por ter cão, so por não o ter.

Não podendo o go... não fazer o milagre de encher o rio de casas de habitação, aqui d'el-rey! E' inerte, desidiado, deshumano. Trata elle de fazer aproveitar pela industria privada, em boas condições para todos, terrenos de sua propriedade, que nenhuma utilidade tenham — os mesmos honrados e coherentes patriotas clamam: — é patota, é negociata, é bandalheira!

Em relação à villa Marechal Hermes: que quer a imprensa turbulenta? Que continue com está? Mas se ella propria diariamente lastima que não se tenham acabado as casas e construido outras? Ou se de algum proponente de idoneidade editorial exigem? Pois que se apresentem. E' simples. A concurrencia tem ainda, para encerrar-se, 13 dias.

Faça isso. Será melhor do que escrever bobagens com a theatral contra os que honesta e sinceramente se preocupam com os interesses collectivos.

Mão grado a effervescencia derrota, que, aqui e ali, faz garbo da sua pouca fé (senão por entendimento intimo ao menos por amor ao escandalo e ao opposicionismo systematico), as autoridades estranhas à nossa politica e aos nossos costumes afirmam, espontaneamente, a sua confiança nos destinos do Brasil.

O exito dos ultimos emprestimos federaes bastaria para desmentir toda a campanha de alarmismo que se vem tendo na sombra, com irritos mesquinhos de debate aos dirigentes do paiz. Ade mais diversas provas tangíveis e praticas, assignale-se o testemunho de homens como o presidente do Banco de Londres e America do Sul, o qual acaba de dar publico testemunho de sua confiança nos nossos recursos e possibilidades.

E' absolutamente logico que esses homens não lancem semelhantes affirmativas com o simples e unico desejo de nos serem agradaes. Elles possuem responsabilidades directas pela importancia das empresas que dirigem e que possuem, por sua vez, elementos bastantes ao estudo das nossas verdadeiras condições economicofinancieiras.

Em terreno dos negocios não cabem gentilezas innocuas e intuitos meramente diplomaticos. Por isso mesmo precisamos de assignalar taes testemunhos como sendo de estudiosos, muita vez mais conhecedores de nossos problemas do que certos escrevinheiros diários, cujo ideal não vai além das campanhas pessoais e systematicas.

Nem se diga que campanhas, como essas, de derrotismo, não fazem ao paiz grandes e fundos males. Ha espiritos astuciosos, em que ellas se reflectem, e animos mui capazes de se levarem pela apparencia de sinceridade com que as compeitamos seus autores. Ora, a Nação precisa, antes de tudo, de conservar o ambiente de confiança em que ella vai restando as suas forças tão comprometidas pela grande guerra e pelos disturbios revolucionarios subversivos. E' uma

obra de restabelecimento gradual que se vem operando e que é preciso não perturbar, sob pena de se incorrer nos mais lamentaveis crimes de lesa-patria e de lesa-bom senso.

Além de boatos e alarmes funestos, que não encontram fundamento no estado actual do paiz, assignalem-se essas vozes de loá fé e de confiança, e deixem-se o Brasil resgatar, galhardamente, o ritmo normal de seu progresso e de sua riqueza.

SEM COMMENTARIO. A imprensa subversiva publicou o seguinte telegrama:

PORTO ALÉGRIE, 12 (A. B.) — Consta que o general Isidoro Dias Lopes escreveu uma carta ao Sr. Assis Brasil, na qual declara renunciar a dircção activa da revolução, em virtude de seu estado de saúde e da sua idade avançada.

Nessa missiva, o general Isidoro teria accertado que, de arte, desapareceria o cargo de chefe civil da revolução que elle confiava ao Sr. Assis. Era obrigado a tomar tal resolução, pois, uma vez que deixara a chefia activa dos revolucionarios, não podia desistir de parcela alguma do poder, em favor de quem quer que seja, por isso que os revolucionarios activos haviam resolvido unificar a dircção da revolução nas mãos de Luiz Carlos Prestes, uma vez que assim o exigia a Nação Brasileira.

O general Isidoro, no entanto, mais de uma vez affirmou a sua solidariedade para com os revolucionarios, que o estimam como chefe honrario, pois que o seu estado de saúde não lhe permite permanecer a sua frente no momento em que a acção revolucionaria exige energias novas.

Para que commentar aqui?

DEFEZA DA SAUDE DA CRIANÇA. O Sr. Amaury de Medeiros, representante de Pernambuco, na Camara, tem a distincção de sua acção parlamentar duas iniciativas verdadeiramente dignas do maior enthusiasmo. Referimo-nos à instituição do exame pre-nupcial, que as associações scientificas do Brasil, com repercussão nos centros estrangeiros, receberam auspiciosamente e sancionaram com o apoio da sua autoridade tecnica, e a idea do estabelecimento de um sanatorio infantil, no Rio de Janeiro.

No confronto dessas duas iniciativas, sentimos o desejo de attribuir uma importancia muito mais premente à medida que visa resguardar a saúde e a vida da criança. Não é que a necessidade do exame pre-nupcial deixe de constituir, hoje, um verdadeiro dogma scientifico. Mas, na verdade, quanto reflectam sobre as condições de população infantil, na metropole da Republica, não podem retardar o seu applicação aquella iniciativa generosa e matetrialmente susceptivel de determinar os melhores resultados, cabendo-nos considerar a acima de qualquer outra, pois que atinge os interesses da sociedade nos seus proprios fundamentos.

A justificação com que o Sr. Amaury de Medeiros demonstra o estado de coisas que inspirou a apresentação do projecto de que nos occupamos faz referencia a factos confrangedores. Nos hospitais, as crianças vivem num regimen de promiscuidade com os adultos, determinando uma serie de inconvenientes e riscos que nos dispensamos de assignalar.

Por outro lado, todos os dias são internados, nos institutos que a União subvenciona, crianças desamparadas, enfermas, as que partilham do regimen normal das crianças saudias. Quando doentes, baixam a enfermarias improvisadas, sem recursos medico-cirurgicos, ao passo que outras se debilitam, à mingua de assistência e de meios de cura.

Não ha patrimonio maior para a vida de qualquer nação do que o que está representado pela successividade das suas gerações infantis. E' o proprio interesse material do Estado, no sentido de preservar essa melhor fonte de renovação do seu capital humano, que aconselha um conjunto de medidas acatadoras e defensoras da saúde da criança. Do ponto de vista humano e generoso, que obra pôde alocar sympathias mais profundas e dignificadas do que a que visa o amparo da criança, sobretudo quando se faz mistir, em seu proveito, a preservação de uma saúde que, desamparada na primeira idade, nunca mais se poderá apurar?

O TRAFEGO URBANO. Não é problema de solução azada o de uma regulamentação pratica e effizaz do trafego de peões e vehiculos nas cidades de transitio intenso e circulação movimentada. Mesmo nos grandes agrupamentos americanos e europeus, apesar de experiencias e esforços continuados, ainda não foi possivel determinar e adoptar regras precisas com o fito de proteger os transeantes e annullar, ou pelo menos reduzir à proporções minimas, os accidentes da circulação, provindos de causas multiphas e nem sempre inevitaveis.

A Prefeitura de Paris, impressionada com a frequência de taes accidentes que levantavam criticas e protestos diários na imprensa e por toda parte, contratou em Nova York um especialista na materia, que a viesse estudar in loco e, recolhida e coordenada os elementos de suas observações de tecnico experimentado, ensinar aos parisienses as precauções que deviam adoptar na rua para salvaguarda da sua integridade physica impondo outrosim a chauffeurs e demais conductores de viaturas mandamentos firmes e inflexiveis, protectores daquella integridade.

Adoptaram-se rumos, signaes luminosos, dircções obligatorias e outras medidas, que o sergent de ville prestigioso irreductivelmente com a autoridade do maior e da ameaça do xadrez do posto mais proximo. Mas nem por isso restringiu-se de maneira apreciavel o numero das victimas dos atropellos resultantes da circulação urbana, cada vez maior, e das quaes as de sorte menos aziaga limitaram as suas lesões apenas à perda de um braço, uma perna ou algumas costelas. Outras pagaram o seu tributo ás vicissitudes da civilização com a paz dos sete palmos de terra prematuramente conquistada. Em resumo, a questão continúa a berrar pela descoberta do remedio salvador.

Recentemente e sem desonorar-se com os insuccessos anteriores, o prefeito da grande metropole limitou, por meio de regulamentação severa, o trafego de peões em certos pontos mais movimentados da urbs — a avenida dos Campos Ely-

seus e outros — e trata de reduzir a velocidade de automoveis, motocicletas e outros vehiculos a motor, dentro da cidade a 35 kilometros no maximo, punindo sem tergiversações ou fraquezas quiesquer transgressões do regulamento.

E' continuam os desastres...

Essas considerações não importam de modo algum em uma ficha de consolação para os cariocas que palmitam a rua sob a ameaça e o pavor permanentes de serem atropelados pelos papa-kilometros dos profissionais ou amadores do guidon, mesmo porque estamos ainda longe de empalhear o nosso movimento urbano com os de Paris e Nova York. O que desejamos assignalar são os obices que difficultam uma systematização effizaz do trafego para a garantia dos transeantes, apesar do estudo, das recommendações e dos cuidados, nem sempre bem entendidos, das autoridades prospectivas, que dispersam a sua acção por centenas de auxiliares, alguns immensamente distanciadados da perfeição. E, para terminar, esta observação modesta: aqui, como alhures, mais, muito mais do que a inefficacia e a imprudencia das leis e dos regulamentos, como pisca-piscas e o resto, avulta, como factor de atropellos e accidentes da rua, a impericia conjugada com a imprudencia ou a inconsciencia de uns tantos conductores, certos da impunidade, sem amor à propria pelle — é do proximo.

O FUTURO DA HEVEA. Os circulos industrias americanos continuam preocupados, conforme se infere dos telegramas recém-chegados de Nova York, com o momentoso problema da borracha.

A United Press affirma, de Washington, ter conhecimento de que "o industrial Henry Ford foi informado do andamento do projecto de construção da grande estrada de rodagem pan-americana e de que a informação prestada aquelle industrial pelos engenheiros constructores de rodovias a respeito dos recursos seringueiros do Amazonas contribuíram em muito para a sua decisão de empregar o cultivo da borracha em grande escala no Brasil".

Um magazine de Nova York, especialista nesses assumptos, calcula que a plantação da metade da concessão de Henry Ford na Amazonia poderia dar, aproximadamente, 375.000 toneladas por anno e observa que os manufacturadores dos Estados Unidos consumiram, em 1926, somente 354.000 toneladas.

Isso significa que as plantações norte-americanas no nosso paiz bastarão ás grandes industrias consumidoras de borracha, dos Estados Unidos, e que, levado avante o mesmo projecto, poderão os capitalistas yankees dispensar, por completo, o producto das Indias Orientaes. Esse producto obtido pelo emprego de capitães

BILHETE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO E O ESPIRITO DE ORDEM

Quem, uma vez, conheceu S. Paulo, e, uma vez, pôde sentir e medir o rhythmico e a autoridade constituida e na intransigente defeza dos principios basicos da Constituição é que se tem pautado, com uma correção digna de louvores, as atitudes politicas de S. Paulo. Interpretes fiéis da opinião popular — o que, segundo nos parece, é regra elementar de democracia — os seus governos se seriam desviado dessa missão, se, uma vez que fosse, rompessem o equilibrio dessa tradição de ordem e respeito à lei, a que linhas atrás nos referimos, e, sem mais aquella, se transformassem em cortejadores da demagogia, em acoroadores indifferentes de motins, em apoteosadores e glorificadores de vulgares plebeios.

Chefe civil da revolução, como tal andou o Sr. Assis Brasil passando por phi o seu verbo inflamado e a sua rhetorica incendiaria. A sua palavra nada de novo ou de nill vinha dizer. Pelo contrario, Cevarada no mais negro pessimismo e alimentada de odio e de despeito — o odio e despeito de todos os vencidos — ella só podia trazer aos espiritos desprevidos ou simplices a desconfiança, a descrença, a propria dúvida no Brasil, todo um rol de qualidades negativas, cujas consequências toxicas num povo ainda na infancia, como o nosso, somente não sabem medir os pescadores de aguas turvas, os aproveitadores de occasiões, os opportunistas, exactamente os unicos interessados — et pour cause — nessa propaganda funesta e dissolvete. Chefe civil da revolução, istitulo que só agora lhe foi cessado por Isidoro Dias Lopes, e, portanto, adversario da ordem e inimigo da lei, o Sr. Assis Brasil encostou na cabeça veneranda a idea honra e estapafúrdia de ser, aqui, reconhecido com honras de chefe de Estado...

Ora, S. Paulo não podia receber como hospede desejavel um homem que, publicamente, se confessava animado da sinistra intenção de subvertir a ordem e que, em seus escriptos e discursos, outra coisa não buscava senão desprestigiar a autoridade constituida, incorrendo, pois, claramente, na sanção de leis em vigor...

S. Paulo, por outro lado, não viu, sem protesto, essa intempestia intromissão, na sua vida politica, do ex-apostolo de Melo, campeão das revoluções a grande distancia. Para fazerem a propaganda pacifica de suas ideas, os paulistas não necessitavam de S. Ex. lhes viesse dar lições de oratoria moshorquira, genero que lhes é excessivo e pelo qual sempre manifestaram insensivel repugnancia. Despeitado, por isso, com o fracasso ruinoso de suas campanhas — "onde está o camelo?", o povo se perguntava, como naquelle velho quebra-cabeça "onde está o que?" — o Sr. Assis Brasil deu para espalhar, por intermedio de sua docil imprensa, os mais absurdos e inconcebiveis boatos. Um delles diz respeito à attitude de S. Paulo, em face a revolução sul-riograndense de 1923.

Demonstrados, de sobejo, o espirito de ordem dos paulistas e as solidas raizes em que se fundamenta, no actual artigo analisaremos esse boato, a luz de alguns documentos da época, de uma insuperavel eloquencia.

Por ora, fique sabendo o Sr. Assis Brasil que S. Paulo, graças a Deus, não oferece campo ás suas sortidas peroleras. Aqui, fia mais firme.

americanos e em uma região relativamente proxima dos grandes centros consumidores norte-americanos contribuirá, de muito, para o barateamento de grande numero de artigos manufacturados, entre os quizes occupam o primeiro logar os de natureza e applicação automobilistica.

O velho desejo dos industrias norte-americanos de se furtarem ao monopólio britannico da borracha encontraria, assim, o seu objectivo integralmente realizado, e, por outra parte, num idade nova de riqueza e de esperanças abrir-se-ia para a maravilhosa região amazonica, dantes comparada ao El-Dorado mais fértil que já acudiu a imaginações exaltadas.

Tudo indica, assim, que marchamos para um accordo feliz que, attendendo as exigencias normaes do direito, assegure aos capitães norte-americanos a sua equitativa e esperada remuneração economica. Os industrias americanos terão, em quantidades necessarias, a melhor borracha do mundo, e o nosso paiz terá assegurado trabalho a muitos milhares de seus filhos em uma região dantes famosa pela sua riqueza e pela sua prosperidade.

E' evidente que estas esperanças não necessitam senão de iniciativas bem orientadas para que se venham a integrar em formosissimas realidades.

DECRETOS PRESIDENCIAES.

O Sr. Presidente da Republica assignou hontem os seguintes decretos, na pasta da fazenda:

Concedendo autorização a "La Atlántica", com sede em Buenos Aires, para funcionar na Republica, em seguros e resgates terrestres (incendios) e maritimos e approvando os seus estatutos.

Abriendo o credito especial de 1012833, para pagamento a L. Cavalcanti de Albuquerque, em virtude de sentença judicial.

Sancionando as resoluções legislativas que autoriza a abertura do credito especial de 2.995906, para pagamento a André José Barbosa, em virtude de sentença judicial, que autoriza a abertura do credito especial de 15572879, para pagamento ao bacharel Justo Rangel Mendes de Moraes, em virtude de sentença judicial, e que autoriza a regular o commercio do café entre os portos do Brasil e do exterior e dá outras providencias.

Exonerando, por abandono de emprego, o bacharel Salvador Conceição do cargo de procurador da fazenda:

Appostando o chefe da secção da Alfandega de Manaus Raymundo Alves Coelho;

Nomeando, em commissão, inspector da Alfandega de Parahyba o 2º escriptuario Virgilio Barreto da Pontoura;

Nomeando 2º escriptuario da Alfandega de Porto Alegre, o 2º official aduaneiro extinto da mesma Alfandega Hortencio Zeldino da Silveira.

Declorando sem effeito a nomeação de 2º official aduaneiro, extinto da Alfandega do Rio de Janeiro João Meleiros Guimarães para o logar de 2º escriptuario da delegacia fiscal no Ceará.

